

SUBJETIVIDADE E SUBVERSÃO DO RACISMO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS HAITIANOS NA REPÚBLICA DOMINICANA

Renata de Melo Rosa*

Este artigo tem como objetivo investigar a maneira pela qual os haitianos residentes na República Dominicana constroem mecanismos de defesa ao racismo dominicano. Tendo em vista a recente catástrofe que atingiu Porto-Príncipe no dia 12 de janeiro de 2010, as respostas contrárias aos deslocamentos em massa dos haitianos para a vizinha dominicana podem ser imprevisíveis. Resta-nos, pois, fazer uma análise das raízes históricas do contexto nacional haitiano para tentar compreender as perspectivas de um cenário futuro para a diáspora haitiana no contexto dominicano.

Palavras-chave: Haitianos; Racismo; República Dominicana; Subjetividade

A manifestação racista e xenófoba dos dominicanos contra os haitianos não é nova e nem começa com os aportes massivos de haitianos à vizinha República Dominicana pós-terremoto de 12 de janeiro de 2010. O racismo dominicano contra os haitianos já foi amplamente descrito nas pesquisas de Rubén Silé¹, Wilfredo Lozano², Guy Alexandre³, Pierre

* Pós Doutorado em Relações Internacionais pela Université D`État D`Haiti. Coordenadora do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília – UNICEUB. Contato: Renata.rosa@uniceub.br Brasília / Brasil.

¹ Cf. SILIÉ, Rubén. “Población y Esclavitud en Santo Domingo, en el Siglo XVIII”; “Esclavage et Prejuge de Couleur en Republique Dominicaine”, in *Revue Franco-Haitienne, Conjonction*, n. 147, 1980; *La República Dominicana y Haití frente al futuro*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO-Programa República Dominicana, 1998; *La Nueva Inmigración Haitiana*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO – Programa República Dominicana, 2002.

² Cf. LOZANO, Wilfredo. *Jornaleros e Inmigrantes*.

³ Cf. ALEXANDRE, Guy. “Le relations haitiano-dominicaine et le processus de formation de l’identité des deux peuples”. Santo Domingo/RD: *Revista Descubrimiento*, 1993. Ver também *La question Migratoire entre la République Dominicaine et Haïti* (Relatório da Organisation Internationale pour les Migrations, Santo Domingo/Port-au-Prince, agosto 2001) ; *La migration haitienne, un problème de fond qui demande une gestion responsable*. Massachusetts: Hampshire College, 2004.

Charles⁴, Jean Price-Mars⁵ e também recentemente publicada pelo periódico norte-americano *Miami Herald*, em matéria de Frances Robles, intitulada *République Dominicaine: La dictature de la blancheur*, de 17 de junho de 2008. Esta matéria causou furor, tanto na diáspora haitiana que vive nos Estados Unidos, como na República Dominicana e também entre políticos e intelectuais haitianos residentes no Haiti.

Vale lembrar que a República Dominicana também foi notificada pela Corte Interamericana de Direitos Humanos⁶ por diversas vezes em relação à violação dos direitos humanos dos haitianos em solo dominicano, sobretudo na situação irregular em que os haitianos vivem nos Bateys⁷. Militantes da causa haitiana na República Dominicana também estão engajados na defesa dos direitos dos imigrantes haitianos, como Leslie Manigat, ex-presidente do Haiti, Guy Alexandre, ex-Embaixador do Haiti na República Dominicana (RD), Edouard Saint-Jean, presidente do Centro Puente/RD, Inoelia Remy, diretora da *Asociación Pro-desarrollo de la Mujer y Medio Ambiente* (APRODEMA) e inúmeros pesquisadores associados ao Comitê da FLACSO/RD, dentre muitos outros.

O lugar dos imigrantes haitianos na história política do Haiti

Desde o seu surgimento como nação independente, o Haiti tem se mostrado um desafio intelectual para o campo das ciências sociais⁸ e, contemporaneamente, para os instrumentos de proteção internacional dos direitos humanos. Facilmente rotulado de Estado falido⁹, a dificuldade cognitiva na elaboração de um pensamento sólido sobre o país reside em um (falso) dilema, a saber: como a famosa “pérola das Antilhas”, berço da rebelião negra de 1793 e espaço da primeira República Negra das Américas, tornou-se o país mais pobre de nosso continente? Antes mesmo do terremoto, o Haiti já se colocava como um problema mais ou menos

⁴ Cf. PIERRE-CHARLES, Gerard. *Política y sociología en Haití y República Dominicana*. México: Universidad Autónoma de México, 1974.

⁵ Cf. PRICE-MARS, Jean. *La República de Haití y la República Dominicana: diversos aspectos de un problema histórico, geográfico y etnológico*. (3 vols.) Trad. Martín Aldao y José Luis Muñoz Azpiri. Madrid: Industrias Gráficas, 1958; Santo Domingo: Sociedad Dominicana de Bibliófilos, 1995.

⁶ Referimo-nos às Resoluções da Corte Interamericana de Direitos Humanos de 18/08/2000; 14/09/2000; 12/11/2000; 26/05/2001 e 02/02/2006.

⁷ Batey é uma designação amplamente conhecida na República Dominicana. Trata-se de uma área rural dedicada tradicional e exclusivamente ao plantio de cana-de-açúcar. Como a maior parte da mão-de-obra recrutada para este tipo de trabalho é de origem haitiana, o Batey simboliza o lugar social dos haitianos na sociedade dominicana.

⁸ Cf. TROUILLOT, Michel-Rolph. “The Caribbean Region: An open frontier in anthropological theory”, p. 19-42.

⁹ Cf. WOODARD, Susan L. “Estados falidos: o peso das palavras”. Disponível em: <http://www.enjeux-internationaux.org/articles/num11/pt/estados.htm>

“sem solução” para as Américas. Após o terremoto, as previsões e os diagnósticos tornaram-se ainda mais desafiadores.

A compreensão deste cenário complexo exige do pesquisador um pouco mais de atenção aos detalhes históricos que acompanham a trajetória política do país, desde a sua formação colonial. As reflexões de Jean Casimir¹⁰ constroem, sem dúvida, relações interessantes frente a estes questionamentos. Com o objetivo de investigar a maneira pela qual as elites haitianas gravitaram ao redor do poder, Casimir aponta que qualquer que fosse o grupo político que ocupasse o poder no Haiti, o paradigma da manutenção de privilégios em detrimento à implementação de um projeto coletivo de sociedade sempre foi a tônica do modelo de desenvolvimento do Haiti. Assim, desde o engajamento dos “libertos”¹¹ na luta de independência e fim da escravidão no século XVIII, já se podia notar que antes de ser uma classe revolucionária, os “mulatos”¹² aliaram-se aos trabalhadores escravizados apenas para a consecução de um único objetivo: derrotar a França e substituí-la no poder. Alcançado este objetivo, os mulatos ou libertos mantiveram-se na mesma classe que outrora ocupavam: a de senhores de privilégios, os quais só poderiam ser mantidos com a reprodução do sistema de *plantation* e com a racialização das relações de trabalho.

Em busca de sua manutenção no poder, diversas vezes os “mulatos” se empenharam politicamente em fazer inúmeros acordos contrários aos chamados “interesses nacionais”, tais como: aceitar o pagamento de indenização à França pela independência, em 1844, na administração de Jean Pierre Boyer; colaborar com a intervenção norte-americana em 1915 e, o que mais nos interessa nesta exposição: as elites mulatas não se importaram com o fluxo de trabalhadores à República Dominicana, no início da década de 30, cujo resultado primeiro foi o ato de genocídio cometido pelo General Trujillo, em 1937, em Dajabón/RD¹³, província

¹⁰ Cf. CASIMIR, Jean. *Haiti et ses élites: le interminable dialogue de sourds*.

¹¹ Neste artigo, acompanharemos as mesmas categorias utilizadas por Aimé Césaire em *Toussiant Louverture*; CASIMIR, Jean, *op. cit.*; HOFFMAN, Leon-François. “Slavery and Race in Haitian Letters”, in *Caribbean Review*, v. 9, n. 2, 1980, p. 28-32, e HOETINK, Harry. *Caribbean Race Relations: A Study of Two Variants*. London: Oxford University Press, 1967. Em todas estas obras, as categorias “liberto e mulato”, sobretudo para Aimé Césaire e Jean Casimir, no período colonial são utilizadas para designar o mesmo “status” de pessoa. No Haiti pós-independência, as categorias “negro e mulato”, sobretudo para Hoffman e Hoetink, não se referem a fenótipos distintos, mas a grupos de poder cuja trajetória histórica os diferencia.

¹² Para a discussão acerca do entrelaçamento das categorias “mulatos” e “libertos” na *Saint Domingue* colonial ver Aimé Césaire, *op. cit.*

¹³ Sobre o relato deste massacre, ver CAMBEIRA, Alan Belén. “Historical and Cultural Connections: La République d’Haiti and La República Dominicana”, in *The Dominican Republic in Historical and Cultural Perspective*. New York: M. E. Sharpe Publishers, 1997 e DANTICAT, Edwidge. *Cosecha de*

dominicana que faz fronteira entre os dois países, que contabilizou mais de 5 mil mortos. Desde então, a presença haitiana da República Dominicana tem sido dramática, tanto pela haitianofobia cultivada sem qualquer pudor¹⁴, como pelo constante fluxo de haitianos que chegam cotidianamente ao país¹⁵, situação exponencialmente agravada com o terremoto de 12 de janeiro.

Infelizmente, o contexto dominicano passou a ser ativado por retóricas políticas haitianofóbicas, fazendo com que as sucessivas violações de direitos humanos se tornassem comuns e sempre acompanhadas de respostas bastante tímidas de todos os governos haitianos.¹⁶ Um dos nossos supostos de análise é que a fragmentação das elites, da classe política e o isolamento do Haiti em relação ao continente, refletem uma correlação de forças internas, a partir da qual um projeto de nação só conseguiu atingir patamares mínimos de mobilização nacional por meio do surgimento do Partido Lavalas, do ex-presidente Jean Bertrand Aristide, em um momento bastante específico: de 1986, após a saída de Jean Claude Duvalier do poder até a ascensão e queda de Aristide ao poder, em 1991. A partir deste período, as tentativas de construção de uma unidade nacional não conseguiram suficiente êxito, dado que no período de 1991 até os dias atuais, o país foi foco de cinco intervenções das Nações Unidas.¹⁷

A fragmentação da nação haitiana deve-se também à relação pouco orgânica que as elites sempre mantiveram com o resto da população (à exceção do período de ascensão do Lavalas), com o modo de ocupação territorial do país, majoritariamente rural até meados da década de 80¹⁸ e com o isolamento que muitas comunidades rurais, confinadas em seus territórios, mantiveram com o poder central de Porto Príncipe. A ausência de rodovias capazes de ligar os departamentos, bem como de linhas telefônicas com tecnologia suficiente para conectar o país como um todo

Huesos. Barcelona: Lúmen, 2000.

¹⁴ Para a checagem da haitianofobia retratada no pensamento social dominicano, ver as obras de BALAGUER, Joaquín. *La Isla al Revés, Haití y el Destino Dominicano*; DEMORIZI, Emilio Rodríguez. *Invasiones Haitianas de 1801, 1805 y 1822*; DESPRADEL I BATISTA, Guido. *Raíces de Nuestro Espíritu: un Ensayo*. Santo Domingo, República Dominicana: Renovación, 1971; GARCÍA, José Gabriel. *Compendio de la Historia de Santo Domingo*. Santo Domingo: Imprenta de García Hermanos, 1892; MARRERO ARISTY, Ramón. *República Dominicana: origen y destino del pueblo cristiano más antiguo de la América*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Ed. Del Caribe, 1957; SÁNCHEZ VALVERDE, Antonio. *Idea del Valor de la Isla Española*. Ciudad Trujillo, República Dominicana: Editoria Montalvo, 1947.

¹⁵ De acordo com os estudos mais recentes de Rubén Silié, estima-se mais de 1 milhão de haitianos na República Dominicana. Cf. *La nueva inmigración haitiana*. RD: FLACSO, 2002.

¹⁶ Cf. ALEXANDRE, Guy. *El Tema migratorio entre la República Dominicana y Haití*.

¹⁷ São elas: UNMIH (1993-1996); UNSMIH (1996-1997); UNTIMH (1997); MIPONUH (1997-2000) e MINUSTAH (2004-).

¹⁸ Cf. MURRAY, Gerald F. *"Bon-Dieu e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais"*, p. 5-28.

também contribuíram para este isolamento e para fazer da população rural um segmento de 2ª categoria, sujeita (quando exposta à contextos mais ocidentalizados do Haiti e República Dominicana) à racialização das relações de trabalho.

No entanto, não é possível afirmar que o grosso do contingente haitiano na República Dominicana contemporânea seja oriundo exclusivamente do meio rural. De acordo com os estudos mais recentes de Silié¹⁹, a nova imigração haitiana se faz de capital para capital para a ocupação de nichos de trabalho eminentemente urbanos, como a construção civil, por exemplo. Todavia, o movimento dos trabalhadores rurais também é crescente nos Bateys²⁰ dominicanos, fazendo da imigração haitiana um fenômeno com uma dupla vertente de segmentos. Seja do meio urbano ou rural, um dos pressupostos de análise de um tipo de investigação como esta é compreender qual é lugar de importância dos imigrantes haitianos da República Dominicana dentro das relações de poder dentro do Haiti, com a finalidade de interpretar a dinâmica deste grupo dentro do Haiti e na República Dominicana.

O silêncio como categoria de análise

O que mais desafia o entendimento acerca dos haitianos na República Dominicana não é tanto a xenofobia declarada dos dominicanos, (aqui denominada de haitianofobia) mas o silêncio dos haitianos frente a um racismo declarado. A categoria do silêncio já foi inúmeras vezes destacada no pensamento social conservador dominicano, dentre os quais destacamos as obras de Joaquín Balaguer²¹, Arredondo y Pichardo²² e Rodriguez Demorizi²³, que sinalizam a invasão haitiana silenciosa e insidiosa, na visão deles, exatamente porque ocorre sem alarde.²⁴

A partir da adoção de uma postura metodológica interpretativa, temos como premissa os mesmos supostos de Max Weber quando destaca a preeminência analítica do sentido da ação, entendendo ação social como sendo inclusive “omissão ou tolerância”²⁵. Nesta mesma linha de

¹⁹ Cf. *La Nueva Inmigración Haitiana*, op. cit.

²⁰ Cf. nota 7.

²¹ Cf. BALAGUER, Joaquín, op. cit.

²² Cf. ARREDONDO Y PICHARDO, Gaspar de. “Memoria de mi salida de la Isla de Santo Domingo el 28 de abril de 1805”.

²³ Cf. DEMORIZI, Emilio Rodriguez. *La Era de Francia em Santo Domingo*.

²⁴ Para uma visão atualizada do discurso anti-haitiano de parte da elite política dominicana, ver os discursos do Deputado dominicano Pelegrín Castillo, membro da comissão Haití y Seguridad Regional Del Caribe da Cámara de Diputados de la República Dominicana.

²⁵ WEBER, Max. “Conceitos Sociológicos Fundamentais”, in *Economia e Sociedade*. Brasília: EdUnB, 1994.

pensamento, entendemos o silêncio dos haitianos como uma ação social que precisa ser analisada a partir de duas categorias: a motivação e o sentido deste silêncio coletivo.

O Pequeno Haiti, contexto que marca a presença haitiana em Santo Domingo, foi recentemente retratado pelo escritor dominicano Manuel Matos Moquete²⁶ como “o Bronx haitiano na República Dominicana”. Lá, o protagonismo haitiano é forte, mas nunca convertido em movimento de contestação do racismo dominicano tampouco articulado politicamente para a defesa dos direitos dos haitianos na República Dominicana. Ou seja, o protagonismo social, cultural e religioso não se converte em protagonismo político, à maneira dos *riots* americanos. Embora a violação dos direitos humanos seja gritante, a resposta não ganha densidade de um movimento articulado de contestação das ações do Estado dominicano.

É preciso, pois, problematizar este silêncio, interpretá-lo à luz da dinâmica interna do Haiti e dos locais de origem destes haitianos. A orientação da ação para o silêncio também é realizada dentro do próprio Haiti, no momento em que os setores rurais migrantes para a capital se submetem às mais duras situações de exploração, que vão desde o não pagamento pelos serviços prestados aos abusos contra a dignidade da pessoa humana, como falta de acesso à alimentação, saúde, educação, etc..

Dessa forma, os imigrantes haitianos na República Dominicana, sejam eles de origem rural ou já migrantes do meio rural para Porto Príncipe, constituem um grupo historicamente acomodado às relações de poder vigentes no Haiti desde o seu surgimento como nação independente e orientado valorativamente à racialização das relações de trabalho. Por mais absurdo que possa parecer e levando em consideração a infraestrutura do Haiti pós-terremoto, para os imigrantes haitianos que vivem na República Dominicana, existem vantagens absolutas de seguir a vida neste país, apesar da haitianofobia declarada. Imersos em uma sociedade em que o Estado Democrático de Direito ainda está em vias de construção, como é o caso da República Dominicana, os haitianos moldaram sua identidade a partir de um silêncio impressionante. Esta identidade pode revelar o grau de repressão da sociedade dominicana, mas também a própria dinâmica identitária já cultivada no contexto haitiano, também eivado de hierarquias, subordinações e silenciamentos.

²⁶ MATOS MOQUETE, Manuel. *La Avalancha*. Leyenda Negra.

A peculiaridade do contexto dominicano

A diáspora haitiana na República Dominicana se manifesta de maneira bastante diferente das existentes em Miami, Nova Iorque e Quebec, grandes centros de aporte da imigração haitiana. Enquanto nestes lugares, os haitianos assumem um protagonismo intenso e ocupam nichos específicos, que vão desde os famosos condutores de táxi no Québec até intelectuais, a República Dominicana não conseguiu escapar da racialização das relações de trabalho, fato que, na visão de Jean Casimir, tipifica o racismo. De acordo com o autor, a revolução haitiana de 1793 foi motivada pela negação da racialização das relações de trabalho e também pelo fato de a França não conseguir ter construído o negro colonial: submisso, cristão e não questionador deste modelo de relação de trabalho. O que aconteceu posteriormente à revolução haitiana e que se reproduz no contexto dominicano é uma espécie de colonialismo ideológico que se refere imediatamente ao projeto de construção da inferioridade do negro haitiano, que começa na racialização das relações de trabalho, mas que é complexo porque é cercado por alta densidade de subjetividade, que se traduz tanto na afirmação ao pertencimento a uma determinada categoria de pessoa, que aqui chamaremos de *nèg*²⁷, como no orgulho da negritude. O entre-lugar do racismo dominicano e da subjetividade haitiana deve ser o lugar de análise para um tipo de leitura como esta.²⁸

Em outras palavras, as premissas metodológicas deste ensaio se referem ao modo como o imaginário intervém para subverter posições identitárias que se firmam em convenções fixadas de pertencimento e nas condutas que lhes correspondem, como é o caso das posições identitárias examinadas aqui acerca dos haitianos que vivem na República Dominicana.

Subjetividade e entre-Lugar

O registro da experiência dos sujeitos que se inscrevem em espaços intersticiais tem levantado uma série de questionamentos acerca do conteúdo que informa as idéias de racismo e nacionalismo, além de ter

²⁷ Jean Casimir também nota como no contexto haitiano a categoria “*nèg*” (negro em kreyòl) é utilizada em substituição à categoria de pessoa. Assim, todo o haitiano é um *nèg*, independentemente de seu pertencimento racial. Para a identificação de uma pessoa branca, por exemplo, é utilizada a expressão “*nèg blanc sa a*”, que em português significa: “aquela nega branca”.

²⁸ Sobre a noção de entre-lugar, utilizamos a mesma acepção de BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*.

provocado efeitos nas ciências humanas no tocante ao papel do sujeito²⁹ e do imaginário³⁰ na constituição da sociedade.

Entendemos que a compreensão do sujeito vai além do estudo das relações sociais, das posições identitárias e de sua dinâmica porque, apesar de absolutamente conscientes do poder coercitivo dessas instâncias da vida social, os sujeitos subvertem-nas no imaginário, inventam maneiras particulares de realizar trajetórias anti-identitárias, produzem, para eles mesmos, modos alternativos de inserção social e acabam situando-se nos interstícios entre identidades fixas, aos que Bhabha se refere com o conceito de entre-lugar.³¹

O conceito de entre-lugar faz sentido nesta análise para examinar a oposição binária “dominicano/haitiano”, cuja perfeita estrutura estabelece duas identidades rigorosamente fixas e cuja sustentação pressupõe a capacidade de trânsito contínuo entre a haitianidade e a dominicanidade, e, portanto, de subversão da dominicanidade.

Conforme a minha leitura de Bhabha, a noção de entre-lugar é articulável com o conceito semiótico de cultura de Clifford Geertz e tem seu principal antecedente no conceito de contiguidade de Franz Fanon. Inspirado na célebre frase weberiana de que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, Geertz acredita que a cultura consiste em uma dessas teias e que, em virtude de sua análise recair na procura de significados, pode tornar-se inteligível a partir das narrativas daqueles sujeitos que nela se inscrevem.³² O autor acrescenta que a cultura não é uma realidade “autocontida, com forças e propósitos em si mesma”³³, mas um fenômeno de pensamento que orienta a conduta das pessoas:

[dizer que] a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos das quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles, não é mais do que dizer que esse é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém ...³⁴.

²⁹ Cf. SIMMEL, Georg. “O Problema da sociologia”, in MORAES FILHO, Evaristo de (org.). *Simmel*. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 34, coordenada por Florestan Fernandes. São Paulo: Editora Ática, 1983. Também VELHO, Gilberto. “Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas”, in *Projeto e Metamorfose*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

³⁰ Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Também TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*.

³¹ Cf. BHABHA, Homi, *op. cit.*

³² Cf. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, p. 15.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*, p. 23.

Como a cultura de Geertz, o entre-lugar se apresenta, no meu entendimento, como uma criação da mente dos sujeitos, como um campo que é, no mais alto grau, aberto aos novos significados, e como fenômeno sem forças nem propósitos, mas que tem consequências ao nível da conduta. O entre-lugar, como afirma Bhabha é o “local da cultura”. Entretanto é um local que contesta a cultura estabelecida, desde onde se produzem narrativas que antecipam ao interlocutor um porvir ou que lhe desvendam uma alternativa cultural.

A capacidade subversiva da cultura não está ausente no pensamento de Geertz, como sugere sua advertência de que “o código não determina a conduta”³⁵ porque, a despeito da consciência dos sujeitos acerca das estruturas edificantes, eles burlam, subvertem e criam jogos criativos de interação e, nesse sentido, cultura é mais que poder, é um contexto, “algo dentro do qual [as pessoas] podem ser descritas de forma inteligível”³⁶. Reiterando a hipótese de que as experiências vividas no imaginário devem compor o horizonte dos estudos antropológicos, o autor aponta que:

não há nada tão coerente como a ilusão de um paranóico ou a estória de um trapaceiro. A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribuiu mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar³⁷.

O entre-lugar de Bhabha é a “passagem intersticial entre identidades fixas”³⁸ que, por não ser sedimentado ou estruturado, pode ser pensado como um espaço aberto no qual é possível subverter no imaginário as posições identitárias e também o espaço relacional que estrutura o antagonismo das identidades raciais e nacionais.³⁹ Partindo do princípio de que alguns sujeitos constroem suas trajetórias e suas respectivas narrativas para além das fronteiras que modelam os essencialismos de raça e de nação e, por se inscreverem como sujeitos a partir de um entre-lugar, realizam não somente uma subversão imaginária das posições identitárias raciais e nacionais como também produzem discursos acerca desta subversão, os quais nos interessam sobremaneira neste ensaio. Os referenciais teóricos de Geertz e de Bhabha assemelham-se, sobretudo no momento metodológico

³⁵ *Ibidem*, p. 28.

³⁶ *Ibidem*, p. 24.

³⁷ *Ibidem*, p. 28.

³⁸ Cf. BHABHA, Homi, *op. cit.*, p. 22.

³⁹ *Ibidem*, p. 23.

que reconhece o imaginário como um dos organizadores (para a aceitação ou a subversão) dos ordenamentos mentais e da organização social.

O entre-lugar é um conceito que contempla o universo de qualquer tipo de subversão identitária, pois, para Bhabha, o entre-lugar é aquele não enunciado, não dito, não pronunciado ou não pronunciável, mas que se revela a partir de uma leitura cuidadosa da força do imaginário que o produz. O autor discute a fragilidade das lógicas binárias na medida em que o entre-lugar desafia a dinâmica da construção das identidades polares, o que o faz gostar de pensar que “do lado de cá da psicose do fervor patriótico, há uma evidência esmagadora de uma noção mais transnacional e translacional das comunidades imaginadas”⁴⁰. De acordo com Bhabha⁴¹, o processo de demarcação das fronteiras e das dicotomias cria o “outro”, na medida em que estabelece a não contiguidade. Assim, é possível perceber que, se a construção da alteridade anuncia o “outro”, os conteúdos das oposições e das dicotomias não podem ser vistos como campos autônomos, mas como fenômenos inscritos em uma mesma lógica que, no limite, indicam transitabilidade. O autor entende que os entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade”⁴².

De acordo com esta linha de raciocínio, é possível supor que o entre-lugar da identidade dominicana é um espaço aberto e ameaçador porque abre a possibilidade de mistura dos signos que estruturam a dicotomia dominicano/haitiano. A transitabilidade dessas identidades pode ser simbolizada pelas trajetórias de muitos imigrantes haitianos, pois é possível que na passagem intersticial da “projeção da alteridade”⁴³ dominicana, os imigrantes haitianos se construam como sujeitos.

Uma das reflexões que inspiram Bhabha na leitura desconstrutivista das dicotomias e no reconhecimento metodológico do entre-lugar⁴⁴ é a de

⁴⁰ *Ibidem*, p. 24.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*, p. 20.

⁴³ Termo utilizado por Bhabha para se referir ao modo como as identidades nacionais se projetam como alteridades na literatura.

⁴⁴ Bhabha fala diversas vezes do princípio de transitabilidade que informa o entre-lugar, utilizando reflexões de René Green que faz uso da metáfora do prédio do museu para falar dos espaços intersticiais. O autor comenta esta reflexão a partir dos seguintes argumentos: “O ir e vir do poço da escada, o movimento temporal e a passagem que ele propicia, evita que as identidades a cada extremidade dele se estabeleçam em polaridades primordiais. Essa passagem intersticial entre identificações fixas abre a possibilidade de um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta” (p. 22). Quando se refere ao Mr. “Whisky” Sisodia de *Os Versos Satânicos*, Bhabha indica o entre-lugar da identidade inglesa: “O problema dos ingleses é que a his-is-tória deles se fez no

Frantz Fanon, que recorre ao conceito de contiguidade para fazer a crítica à fixidez e incomunicabilidade atribuída aos lugares do negro e do branco, pois, segundo o autor, branco e negro constituem duas identidades que se articulam e encenam em absoluta relação. Frantz Fanon talvez tenha sido um dos intelectuais que mais prematuramente conseguiu registrar o modo pelo qual os sujeitos imaginam ser o outro e, com isso, desalinham suas posições identitárias. A partir desta linha de raciocínio, embranquecer ou enegrecer podem ser vistos como desejos plenamente realizáveis.

Na esteira da desconstrução das fronteiras que separam os negros dos brancos, Fanon identifica uma relação de contiguidade entre estas identidades e indica a artificialidade dessas dicotomias, posto que não são autônomas e se afetam mutuamente. De acordo com o autor, “o negro incomoda o esquema postural do branco, e isto, naturalmente, no momento em que o negro surge no mundo fenomenal do branco”⁴⁵. Ao entender que o negro, uma vez apreendido no processo cognitivo do branco passa a figurar no conjunto de possibilidades miméticas, a projeção da alteridade no *self* consiste em um processo inteligível no imaginário em virtude de que, tal como Taussig sugere, a capacidade da cultura nos proporciona uma faculdade mimética, a faculdade de “copiar, imitar, explorar a diferença e tornar-se o Outro”⁴⁶. De fato, afirma o autor, a exploração da diferença é um ato de pensamento que ativa e consome todas nossas feições e nossos órgãos sensoriais porque, para obter a imagem corporal de um outro precisamos *ensaiar*, no próprio corpo, sua figura. A atividade de *figurar* a imagem do outro é um ato imitativo que implica a contemplação passiva, mas que também requer uma grande atividade corporal capaz de fazer a imagem do outro *disponível*.⁴⁷

Tal como Bhabha, Taussig utiliza as metáforas da arte para pensar a dinâmica do mundo social, já que ela é um campo privilegiado de comparação no qual as fronteiras cognitivas são tantas vezes cruzadas que acabam borrando-se e tornando-se expressivamente reais porque trazem para o processo cognitivo a antirrazão e seu caráter arbitrário e acabam, com isso, questionando a lógica das identidades. A faculdade mimética a que Taussig se refere diz respeito ao processo de se tornar o “outro”⁴⁸ e o resultado é um espaço aberto a inúmeras possibilidades identitárias.

além-mar, daí eles não saberem o que ela significa” (p.26). Mais adiante, Bhabha se refere ao entre-lugar como “o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência” (p. 29).

⁴⁵ FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*, p. 133.

⁴⁶ Cf. TAUSSIG, Michael, *op. cit.*, p. xiii.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 33.

⁴⁸ *Ibidem*, p. xviii.

Subjetividade e subversão do racismo dominicano

A esta altura do ensaio, podemos inferir que o silêncio dos haitianos é uma ação política que garante a sua permanência em solo dominicano. No entanto, o campo identitário destes imigrantes está em permanente construção e por vezes se apresenta de forma contraditória: vai desde a realização da faculdade mimética de se tornar um dominicano nas construções identitárias subjetivas, fenômeno que pode ser observada pela aprendizagem de um espanhol impecavelmente dominicano e de se declarar dominicano, mesmo sendo de origem haitiana até uma identidade em permanente tensão com o racismo dominicano, fato observável pelo uso público do idioma *kreyòl* e pelas relações amorosas públicas entre haitianos e dominicanas, ambos os fenômenos altamente desafiadores do alcance do poder das interdições culturais dominicanas. Em cada um destes cenários, encontraremos construções identitárias distintas, modeladas pela subjetividade, pelo racismo e pelo seu conseqüente desafio, ainda que se restrinja no plano imaginário e que na fenomenologia apareça como silêncio e suposta aceitação tácita da haitianofobia. Há, realmente, um mundo subjetivo que as ciências humanas, seja por falta de coragem ou por escassez de instrumentos metodológicos apropriados, têm negligenciado em busca de um cientificismo empírico que muito pouco tem informado a respeito das tensões identitárias vividas pelos sujeitos, seja em seus próprios contextos nacionais, seja fora dele. De fato, há muito ainda a se investigar e este ensaio assume uma função muito mais instigadora do que propriamente investigadora.

Conclusão

É urgente a necessidade de aprofundar os estudos já realizados acerca do racismo, da xenofobia e da imigração em sociedades pós-coloniais, sob o ponto de vista das construções identitárias que se constroem na subjetividade e que se manifestam fenomenologicamente com respostas mais ou menos simples. Os processos de subjetivação e subversão do racismo nos importam particularmente porque trará subsídios importantes para a reflexão da diáspora negra contemporânea e todas as suas idiossincrasias que a acompanham. Em particular, é importante construir pesquisas e registrar etnografias acerca de cenários desafiadores do mundo contemporâneo, tais como a presença dos haitianos na República Dominicana e a potencialização das tensões pós-terremoto. Será que estas tensões ficarão guardadas na subjetividade dos haitianos? Será que o contexto haitiano é que nos trará pistas para analisar estas

identidades? Estas e outras indagações deixam a discussão em aberto e passível de transitabilidade metodológica e teórica.

Bibliografia

- ALEXANDRE, Guy. *El Tema migratorio entre la República Dominicana y Haití*. OIM, 2004.
- BALAGUER, Joaquín. *La Isla al Revés, Haití y el Destino Dominicano*. Santo Domingo, República Dominicana: Edit. Librería Dominicana, 1984.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CASIMIR, Jean. *Hàiti et ses élites: le interminable dialogue de sourds*. Port-au-Prince: Université D'État D'Haiti, 2009.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CESAIRE, Aimé. *Toussiant Louverture*. La Habana, Cuba: Instituto del Libro, 1967.
- DEMORIZI, Emilio Rodríguez. *Invasiones Haitianas de 1801, 1805 y 1822*. Ciudad Trujillo: Academia Dominicana de la Historia, 1955.
- _____. *La Era de Francia em Santo Domingo*. Ciudad Trujillo: Academia Dominicana de la Historia, 1955.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1989.
- LOZANO, Wilfredo. *Jornaleros e Inmigrantes*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO – Programa República Dominicana, 2002.
- MATOS MOQUETE, Manuel. *La Avalancha*. Leyenda Negra. Santo Domingo/RD: Ediciones Matos Moquete, 2006.
- MURRAY, Gerald F. “Bon-Dieu e os ritos de passagem no Haiti rural: determinantes estruturais da teologia e dos rituais pós-coloniais”, in *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 19, 1990, p. 5-28.
- SILIÉ, Rubén. *La Nueva Inmigración Haitiana*. Santo Domingo, República Dominicana: Ediciones FLACSO – Programa República Dominicana, 2002.
- TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York, London: Routledge, 1993.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. “The Caribbean Region: An open frontier in anthropological theory”, in *Annual Review of Anthropology*, n. 21, 1992, p. 19-42.

Abstract

The subjectiveness and the subversion of racism: a case study on the Haitians in the Dominican Republic

This article aims to investigate how the Haitian immigrants who live in the Dominican Republic build defense mechanisms to the Dominican racism against them. Since the recent earthquake which hit Port-au-Prince in January 12th, 2010, the opposing responses to the mass displacement of Haitians to the Dominican Republic can be unpredictable. Hence, it is essential that we analyze the historical roots of the Haitian context in order to comprehend the perspectives of future scenery to the Haitian diaspora in the Dominican context.

Keywords: Haitian; Racism; Dominican Republic; Subjectiveness

Recebido para publicação em 29/02/2010.

Aceito para publicação em 29/03/2010.

Received for publication in February 29th, 2010.

Accepted for publication in March 29th, 2010.